

A MÃE PRETA NOS OITOCENTOS: REPRESENTAÇÃO DE AMAS DE LEITE NOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA.*Aline Bezerra Lopes¹*

RESUMO: Durante o século XIX no Brasil, a prática da amamentação e os primeiros cuidados com os recém-nascidos eram realizados por amas de leite escravizadas. Neste trabalho, serão analisadas algumas fotografias de amas de leite, refletindo sobre a sua maternidade, o estereótipo da “Mãe-Preta”, as contribuições culturais dessas mulheres, relacionando os autores Gilberto Freyre, Lélia González, Patrícia Hill Collins, Mariana Muaze. Nesse sentido, será demonstrado como as fotografias dessas amas de leite conformaram resistência passiva, termo cunhado por Lélia González, seja por sua postura frente à câmera, seja por elementos trazidos em sua indumentária.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos da mulher negra; Interseccionalidade; Mãe-preta; Amas de leite; Fotografia.

THE MAMMY IN THE NINETEENTH CENTURY: REPRESENTATION OF WET NURSES IN FAMILY ALBUMS.

ABSTRACT: During the 19th century in Brazil, the practice of breastfeeding and the first care of newborns were carried out by enslaved wet nurses. In this work, some photographs of wet nurses will be analyzed, reflecting on their motherhood, the stereotype of the “Mammy”, the cultural contributions of these women, relating the authors Gilberto Freyre, Lélia González, Patrícia Hill Collins, Mariana Muaze. From this perspective, it will be demonstrated how the photographs of these wet nurses formed passive resistance, a term coined by Lélia González, either by her posture in front of the camera, or by elements brought in her clothing.

KEY-WORDS: Stereotypes of black women; interseccionality; mammy; wet nurses; Photography.

Introdução

As fotografias produzidas no Segundo Reinado registraram tanto os momentos de execução de trabalhos por escravizados, como também houve representações destes em estúdios fotográficos com trajes e adereços bem cuidados, previamente planejados. (MAUAD, 2008). Havia a preocupação por parte dos senhores em demonstrar suas riquezas através das vestes dos escravizados, assim como tornar memorável nos álbuns de família as amas de leite em pequenas fotografias. Supõe-se que algumas motivações levassem à fotografia das crianças com suas amas: A vontade senhorial em registrar a ama de leite que se dedicou com carinho, obediência e fidelidade na criação dos filhos do senhor; o desejo de agradar a ama de leite oferecendo uma foto sua com a criança cuidada, ou até mesmo a casualidade de

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História - PPGH da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

necessitar a presença da ama na foto para acalmar a criança que seria fotografada. (KOUTSOUKOS, 2006).

Nas fotografias das amas, podemos perceber detalhes como a postura, o olhar para a câmera, as roupas e ornamentações, que podem ir além do que se espera comunicar. Percebemos nas fotografias das amas de leite a representação destas pelo olhar senhorial dominador, demonstrando a impossibilidade de mulheres negras escravizadas no século XIX, se autorrepresentarem.

“Imagens são coisas que foram marcadas com todos os estigmas de personalidade e animação: Exibem corpos físicos e virtuais; eles falam conosco, às vezes literalmente, às vezes figurativamente; ou eles nos olham silenciosamente através de um “abismo não transposto pela linguagem.” (MITCHELL, 2005, p. 30). Nesse sentido é importante pensar como as amas estão sendo representados através das imagens, o que essas fotografias nos comunica direta e indiretamente, quais elementos compõem a cena fotografada.

Segundo Mariana Muaze (2018), as amas de leite além de realizarem a amamentação dos filhos dos senhores, também ficavam responsáveis por todos os cuidados dispensados aos bebês, como a higiene e educação. Viviam relações conflituosas no exercício de suas funções, marcadas pela proximidade senhorial, o que aprofundava os diversos tipos de violência e abusos, como a separação dos filhos recém-nascidos.

Posteriormente, poderiam ser transformadas em amas-seca, ou executarem outras atividades. No caso das amas de leite alugadas, exerciam suas atividades por determinado período e, posteriormente, eram devolvidas aos senhores, dificilmente permanecia o contato com as crianças que amamentou.

Lélia Gonzalez (2020) demonstra que durante o período da escravidão, as mulheres negras não foram poupadas em seus trabalhos por serem mulheres. Trabalharam no eito e na casa-grande como mucamas. “Enquanto mucama cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa-grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre ‘livre’ das sinhazinhas.” (GONZÁLEZ, 2020, p. 46). As mucamas eram consideradas entre as diversas ocupações de serviços domésticos, de maior proximidade às sinhás e familiares, assim, era comum que fosse escolhida entre elas as amas de leite, pois a família senhorial possuía maior confiança nelas na criação de seus filhos. Lélia González (2020) destaca a figura da mãe preta como fazendo parte do imaginário popular e critica a exploração da figura da mãe preta e do pai João como símbolos de integração e harmonia raciais existentes no Brasil.

Embora a figura da mãe preta possa significar para alguns o estereótipo da mulher negra em posição subserviente, pacífica e acalentadora dos filhos de quem a escravizou, Lélia González (2020) nomeia como “resistência passiva”, a transmissão de suas histórias e culturas africanas para o brasileiro “branco”. Assim, a mãe preta, além de difundir a cultura africana, colaborou na sua preservação. Dessa forma, houve o que a autora denominou de africanização do português falado no Brasil (o “pretuguês”) e a africanização da cultura brasileira.

Já a autora Kimberlé Crenshaw (2002) cunhou o termo “interseccionalidade” para demonstrar as diversas camadas de exclusão social, tais como: o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe, gênero, entre muitos outros demarcadores de discriminação que aprofundam as desigualdades sociais. “As mulheres racializadas e outros grupos marcadas por múltiplas opressões, posicionadas nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o ‘tráfego’ que flui através dos cruzamentos.” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Considerando que mulheres negras foram escravizadas até o ano de 1888 no Brasil, sem a ação de políticas raciais reparadoras, essas mulheres sofrem até hoje o racismo, e diversos tipos de discriminação, como o gênero, idade, classe social, entre outros.

A maternidade das amas de leite no Brasil durante o oitocentos

A filósofa norte-americana Angela Davis (2016) demonstra em sua obra: “Mulheres, raça e classe” o quanto a existência das mulheres escravizadas estava em torno do trabalho compulsório. Eram vistas como meras propriedades, desprovidas de direitos e papéis de esposa, mãe e dona de casa. Se os castigos não eram minimizados por serem mulheres, o gênero aprofundava os diversos tipos de violência, como abuso sexual, psicológico e emocional.

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25).

As escravizadas estavam mais vulneráveis às violências sexuais, havendo diferenças nos castigos para homens e mulheres. Enquanto eles eram açoitados e mutilados, as mulheres, além de açoitadas e mutiladas, também eram estupradas. É importante afirmar também que as escravizadas eram vistas como “reprodutoras” da força de trabalho ao gerar uma criança, e não como mães, na qual seriam vendidas e separadas para lugares distantes. Os senhores buscavam garantir que as escravizadas dessem luz tantas vezes quanto fosse possível, não as

isentando dos trabalhos pelo fato de estarem grávidas ou com crianças de colo. (DAVIS, 2016).

As relações escravistas eram um tanto contraditórias: Se em alguns momentos foram marcadas pelo afeto entre a ama de leite e o bebê, em outros momentos, foram marcadas por diversos tipos de violências e abusos. Essa dominação marcada por situações contraditórias era constitutiva de uma dominação senhorial-escravista que ia moldando desde cedo na criança branca à dinâmica das relações de raça e dominação. A ama de leite, além de alimentar e cuidar do filho do senhor, geralmente, tinha que relegar a amamentação ao próprio filho para cuidar do de outra mulher. Além disso, os filhos das amas de leite eram retirados do convívio da própria mãe.

A prática do aleitamento realizado por amas de leite para os filhos dos senhores implicava, em sua maior parte, a negação do exercício da maternidade dessas mulheres, por imposição senhorial e social, que foi difundido por diversos grupos sociais. Na classe senhorial², a escolha pelo não aleitamento dos filhos, significava para a sociedade imperial não só um status social, como também foi justificado pela crença de que a amamentação era prejudicial à saúde de mulheres brancas, vistas como mais frágeis, e, sinal de corrupção moral e falta de pudor. A partir das Ordenações Filipinas (XVII-XIX) foi decretado juridicamente que mulheres de posições mais abastadas poderiam abdicar de amamentar seus filhos. (MUAZE, 2018).

Conforme mencionado anteriormente, além das mulheres escravizadas não terem direito ao exercício à maternidade, elas não eram poupadas de trabalhos extenuantes tanto durante a gravidez quanto durante o pós-parto. Enquanto o discurso médico e científico defendeu a partir de 1850 o aleitamento materno e o seu impedimento somente por motivo de doença ou ausência da mãe, as amas de leite continuavam sendo exploradas por quem as alugasse ou comprasse. Apesar dos discursos médicos, prevaleceu o *habitus*³ senhorial escravista da amamentação pelas amas de leite. Nesse período ainda, a mulher branca passou

² A classe senhorial foi formada por grandes proprietários rurais escravistas, nas regiões da Baixada Litorânea e Fluminense, Vale do Paraíba e no Rio de Janeiro por comerciantes de grosso trato, englobando também outros grupos sociais que incorporaram seu estilo de vida. Sobre classe senhorial, consultar: SALLES, Ricardo. *E o Vale era o escravo. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008. p. 54.

³ Para Elias (1994), *habitus* é um processo histórico e social. São diversas práticas, regras, normas, procedimentos praticados por um ou mais grupos sociais. O sujeito, tanto assimila essas práticas sociais como também age sobre ela. Sobre o *habitus* e o processo civilizador, consultar: ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Tradução: Ruy Jungman. Revisão e apresentação. Renato Janine Ribeiro, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994. 2v.

a ser vista como a responsável pela educação dos filhos, sendo as amas de leite sobrecarregadas com os serviços mais pesados. Os manuais que recomendavam diminuição da carga de trabalho das amas de leite tinham por objetivo apenas o lucro de não perderem o bebê como também evitar a morte da mulher escravizada - ambos vistos como força de trabalho - , e não por questões humanitárias. (MUAZE, 2018).

Dessa forma, tanto mulheres escravizadas quanto seus filhos eram tratados como propriedade, sendo totalmente desconsiderada a sua humanidade. Desde o início de suas vidas, sofriam as violências de uma sociedade demarcada por hierarquias raciais, sociais, escravista.

O mito da democracia racial e a opressão das amas de leite:

Dentre os estereótipos de raça construídos socialmente, podemos tratar de um que afetava diretamente a imagem das amas de leite, é o que Lélia Gonzalez (2020) enquadra como "Mãe Preta" e "Doméstica". O fato de a ama de leite ter como encargo a amamentação, e pudesse desenvolver um sentimento maternal pela criança branca, como citado anteriormente, se encaixa na conceituação de Mãe Preta, ou seja, era vista somente como a mãe de leite, alguém que tinha papel secundário e subserviente, o que posteriormente por herança escravista, se expressaria nas babás, muitas das vezes negras, consideradas mães de criação, mães secundárias.

Casada com a ideia de Mãe Preta, trazida por Lélia Gonzalez (2020), vinha a ideia de Doméstica, que também se coaduna com o contexto oitocentista das amas de leite, já que em diversas oportunidades, ela era responsável não só pelo aleitamento, mas também pelos afazeres domésticos braçais. Na obra de Lélia Gonzalez, nota-se um aspecto psicológico no processo de alienação racial, processo esse que afetava as amas de leite, a imposição da visão dominadora colonial de meras Mães Pretas e Domésticas, sem direitos a vontades, autonomia e desejos. Nesse estereótipo construído a partir do período da escravização de mulheres negras, é importante demarcar a opressão interseccional de gênero e raça, principalmente por mulheres negras serem inferiorizadas em relação às mulheres brancas desde então. Ser ama de leite, principalmente escravizada, que era o caso da maior parte das amas, estava interligado ao sofrimento de diversas violências e abusos.

Patrícia Hill Collins (2019) desenvolve em sua obra o termo "imagens de controle" que se caracterizam por serem estereótipos que procuram moldar os comportamentos e valores de mulheres negras, reforçando e naturalizando preconceitos e injustiças na vida

dessas mulheres por meio da opressão de raça, gênero e classe. Embora Collins apresente quatro imagens de controle: A mammy, matriarca negra, rainha da assistência social e Jezebel, será analisada apenas a mammy como paralelo à imagem de controle da Mãe Preta, citado por Lélia González (2020). A mammy, embora seja um estereótipo que surgiu a partir da escravização de mulheres negras no Sul dos Estados Unidos, desempenhando geralmente atividades domésticas como amas de leite e criadas, conservam semelhanças com a Mãe Preta. Em ambos os estereótipos veem a mulher negra em posição de subserviência, e seus trabalhos, durante o período da escravidão, voltados ao conforto de seus proprietários e seus familiares.

Em sua obra *Casa grande e Senzala*, Freyre (2003) amenizou as violências sofridas por escravizados domésticos defendendo a prevalência de relações pacíficas entre escravizados e senhores. O conceito de democracia racial, interpretado a partir dessa obra, além de minimizar os sofrimentos dos escravizados, encobriu as mazelas dos preconceitos e discriminações sofridas pelo povo negro, principalmente mulheres. Para Freyre (2003), haveria uma harmonia social entre as diferentes raças, com a negação do racismo. O autor ressalta ainda que havia um tratamento para os cativos similar e equivalente aos familiares das classes mais abastadas, porém quanto maior a proximidade dos escravizados, principalmente mulheres, mais aprofundadas eram as violências sofridas e suas marcas.

Nesse sentido, dialogando com Lélia González, (2020) o poder dominante procura alienar racialmente através de discursos ideológicos como o de democracia racial. As amas de leite eram, sobretudo em sua maior parte propriedades, separadas dos filhos e pelo fato de serem escravizadas domésticas estavam constantemente sob vigilância dos seus senhores, sendo dificultada a sua fuga ou organização social. Era comum que a prestação de bons serviços à família senhorial fosse uma estratégia de resistência na esperança de ser concedida a sua manumissão.

Outra questão muito importante que é ressaltada é a resistência passiva, marcada por transmissão da oralidade africana no português falado no Brasil, o que González (2020) cita como "pretuguês", indicando o quanto herdamos culturalmente a linguagem africana, como também o importante papel da preservação dessa cultura pelas amas de leite como forma de resistência. Nas palavras de Lélia González, o processo de "domesticação" que pode ser considerado também através de Freyre como a docilidade das relações escravistas, leva ao apagamento da luta e resistência da mulher negra enquanto escravizadas, assim como de sua história e memória.

Por outro lado, Freyre (2003) refuta a ideia advinda da sociedade colonial de que a mulher negra seria responsável pela corrupção dos bons costumes. O que era visto como uma depravação era na verdade imposição das vontades senhoriais por meio do uso da violência sexual durante o período da escravidão. González (2020) cita José Honório Rodrigues, na qual o autor refere um documento do final do século XVIII em que o vice-Rei do Brasil na época excluía de suas funções de capitão-mor um homem que manifestara “baixos sentimentos e manchara seu sangue pelo fato de ter se casado com uma negra”. Assim, Lélia González (2020) demonstra que desde os tempos da escravidão no Brasil, a mulher negra é vista como objeto sexual e até mesmo ao se relacionar com homens de alta posição social, sofrem preconceitos e represálias, seja direta ou indiretamente.

Trazendo para o panorama atual, a mucama permitida é representada pelo estereótipo da mulher negra, mais sobrecarregada com as atividades domésticas que mulheres brancas, em sua maioria. Muitas das mucamas originaram as amas de leite, pois eram escolhidas entre as consideradas melhores na função doméstica devido à importância do cuidado aos filhos dos senhores. A sociedade brasileira atual, ainda extremamente desigual, limita a mulher preta à posição de “Mãe-preta” a colocando em lugares de subserviência, e esperando uma posição resignada, passiva e benevolente, principalmente na prestação de serviços direcionados ao cuidado.

Análise das fotografias das amas de leite:

De acordo com Sandra Koutsoukos (2006), as fotografias de escravizadas não foram por elas encomendadas ou partiu das mesmas a ideia da representação, sendo posteriormente publicadas nos álbuns das famílias a que pertenciam. Em alguns poucos casos poderiam receber a cópia do registro fotográfico, por exemplo, no caso das amas de leite retratadas com as crianças que cuidavam.

Entre as motivações que se pode supor para amas de leite estarem retratadas nas fotos são: a vontade senhorial de eternizar em uma foto a ama de leite que cuidou de seus filhos com carinho e dedicação, visto também a ama de leite como “modelo” de obediência, fidelidade e exemplo aos demais cativos; outro motivo também poderia ser querer ofertar um agrado à ama de leite; - sendo marcadas por relações ambíguas, do mesmo modo que poderia haver demonstração de afetividades, também havia poder e domínio senhorial - e por último, outra seria a foto da criança sozinha, que por ter pouca idade, não ficaria quieta e por esse motivo precisava da presença da ama para a acalmar. (KOUTSOUKOS, 2006).

Ainda de acordo com Sandra Kotsoukos (2006), embora as fotografias tenham suas particularidades e diferenças, podemos observar algumas semelhanças entre elas: A postura, as vestimentas elegantes (seja à moda europeia ou africana), algumas ornamentações como joias, os cabelos arrumados ou de turbantes, sentadas em cadeiras com a criança no colo ou ao lado. O foco central da foto eram a ama e a criança, buscando-se passar uma imagem positiva, terna, da relação entre ama de leite e a criança, em contradição aos discursos médicos a partir de 1850 a favor do aleitamento materno por mulheres brancas. É possível deduzir que as amas retratadas possam ter conquistado uma posição de confiança na família por estarem retratadas nas fotos, isto é, através deste registro, tornaram suas imagens memoráveis.

A seguir, veremos algumas fotografias:

Figura 1 – Ama de leite de Fernando Simões



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco FUNDAJ

Figura 2 - Ama de leite Mônica e Artur Gomes Leal

Figura 2 - Artur Gomes Leal com a ama de leite Mônica. Autor: F. Villela; Coleção Francisco Rodrigues. *Carte de visite*, 9,1 x 5,5 cm. Local: Recife, Pernambuco, Brasil. Fonte: FUNDAJ. Fundo Documental: Coleção Francisco Rodrigues

Na primeira figura, podemos perceber uma ama de leite jovem, transmitindo um olhar direto para a câmera, sentada sob uma cadeira repleta de detalhes, cabelos presos, sua roupa possui tecidos finos, em tons claros, com a criança em seu regaço que aparenta ter um pouco mais de seis meses. Na segunda figura, a ama Mônica, também expressa um olhar fixo e direto para a câmera, demonstrando força. Suas vestes, em tons escuros, também muito elaboradas, acompanha um xale, deixando à mostra a parte esquerda do colo. A criança ao lado da ama Mônica, já crescida, demonstra afeto ao recostar sua cabeça no seu ombro direito ao mesmo tempo, transmite se sentir segura ao entrelaçar suas mãos ao braço daquela que a amamentou e a criou. O fato da criança já estar crescida ao lado da ama, é indicativo de estar há alguns anos na mesma família, permitindo supor que Mônica tenha conquistado espaço na família Gomes Leal, diferentemente do que ocorria em sua maioria.

Figura 3 - Fotografia de Maria Rita Meireles da Costa Pinto com a ama de leite Benvinda.



Fonte: Arquivo Nacional

Na figura 3, podemos perceber algumas diferenças em relação às outras imagens. A ama Benvinda diferentemente das outras duas fotos anteriores, não está com o olhar direcionado para a câmera. Trata-se de uma ama jovem, como na primeira figura, destacando nesta imagem, o uso do turbante e o xale estampado, demonstrando na foto muito além do que se vê. Podemos afirmar que embora exista a imposição senhorial e o próprio fato de a fotografia ser retratada pelo olhar do dominador, o fato de Benvinda usar o turbante e um xale estampado, demonstra também um caráter autoral por parte de Benvinda, como também ter sido uma agente na construção de sua imagem.

A “resistência passiva”, antes citada, pode ser verificada nas três imagens. Seja pelos olhares fixos e expressivos para a lente da câmera, nas duas primeiras fotos, sem se intimidarem, seja pela indumentária africana presente na terceira foto, podemos perceber

ações de resistência por parte dessas mulheres, que se reinventam para resistirem às imposições senhoriais e manterem suas tradições e culturas. Dialogando com Lélia Gonzalez (2020) que critica a perspectiva de que a Mãe preta seria a mulher negra acomodada, que passivamente aceitou a escravidão, percebemos na figura número 3, a resistência da ama Benvida à imposição às vestimentas e costumes europeizados, se sobrepondo aos hábitos senhoriais. Outra importante contribuição de Patrícia Hill Collins (2019) é explicitar que o silêncio não é uma submissão, e sim um ato de resistência e adaptação, que podemos facilmente perceber através das imagens dessas mulheres, demonstrando força. Apesar da tentativa do opressor em conformar os oprimidos dentro de uma imagem passiva, não era bem sucedida, pois os atos de resistência podem ser interpretados como uma consciência coletiva, apesar de não haver uma organização.

Um desafio expresso por Collins (2019) é a questão de transformar as imagens de controle, que são negativas, em imagens positivas. A autora (2019, p. 281) cita Mary Helen Washington (1980), na qual “mulheres negras lutam para forjar uma identidade maior do que aquela que a sociedade as forçaria ter... estão cientes e conscientes, e essa consciência é poderosa.” Está bem demarcada nas fotografias as identidades dessas mulheres, que se fizeram prevalecer através do registro de suas imagens. Collins (2019) afirma a importância da formação da própria identidade na formação da autodefinição, além de entender como as opressões de raça, gênero e classe procuram moldar e definir as mulheres negras.

Embora durante o século XIX não existisse o termo “imagens de controle”, podemos perceber que tanto a imagem da “Mãe preta” quanto da “Mammy” estavam relacionados às amas de leite em posturas resignadas, subservientes, de fidelidade e obediência.

Quando mulheres Negras nos definimos, nós claramente rejeitamos o pressuposto de que aqueles em posição que lhes garante autoridade de interpretar nossa realidade têm legitimidade para tanto. Mesmo sem levar em conta o conteúdo real das autodefinições das mulheres Negras, o ato de insistir na autodefinição da mulher Negra valida o poder das mulheres Negras como sujeitos humanos. (COLLINS, 2019, p. 282).

Para combater as imagens controladoras, Patrícia Hill Collins (2019) explica a importância do autorrespeito e a exigência do respeito dos outros. Dessa forma, a autora (2019, p. 283) cita Katie Cannon (1988) que demonstra os três pilares da ética Negra: “dignidade invisível”; “graça silenciosa” e “coragem não declarada”, qualidades para autodefinição e autorrespeito. As mulheres fotografadas, embora estivessem em situação de escravizadas, demonstraram uma postura digna, com um olhar forte, demonstrando uma coragem não declarada através de sua atitude em frente à câmera. Além disso, podemos

perceber, que cada fotografia expressa de formas diferentes, a sua individualidade, correlacionando o que Katie Cannon (1988) denomina de “graça silenciosa”.

Considerações finais:

As amas de leite eram consideradas pela sociedade oitocentista, corruptoras do “bom costume” pela prática do seu ofício; - o aleitamento-; vistas como desprovidas de pudor e qualidades morais e acreditava-se que essas características poderiam ser transmitidas à criança amamentada. (MUAZE, 2018). Ser mulher negra, mesmo que livre, implicaria sofrer uma série de preconceitos, discriminações e racismo que perduram até os dias atuais, sendo fundamental e necessário o exercício da autodefinição que Patrícia Hill Collins (2019) delineou em sua obra. Percebemos através das imagens fotografadas das amas de leite, mulheres fortes e corajosas, que não se intimidaram frente ao desconhecido, nesse caso, o daguerreótipo⁴. Embora Hill Collins tenha definido os pilares da autodefinição no período contemporâneo, é possível reparar esses mesmos elementos constituintes nas fotografias. O autorrespeito, a autovalorização de suas culturas (na imagem número 3), a autoconfiança, geraram um empoderamento pessoal para essas amas que tanto foram oprimidas. Separadas de suas famílias, filhos, impedidas de exercerem a sua fé, tiveram que criar estratégias de sobrevivência se adaptando à sociedade patriarcal.

Embora desenvolvessem afeto e carinho pelas crianças que criou, não era comum que os senhores as ofertassem a manumissão. Principalmente no caso de amas alugadas, o que geralmente ocorria em áreas urbanas. Através das amas, foi preservada a cultura, a língua africana, o “pretuguês”, os hábitos, costumes. Assim, a memória individual, tornou-se coletiva, pertencente à comunidade negra. Essas mulheres lutaram contra a dominação e opressão de diferentes formas, seja através da “resistência passiva”, conforme González (2020), seja através do silêncio como adaptação, explicitado por Patrícia Hill Collins (2019). Dos diversos tipos de violências e abusos sofridos, a resistência dessas mulheres, contribuiu para que a ama de leite seja vinculada à luta e à sobrevivência de si e de sua cultura.

Referências documentais:

⁴ Aparelho fotográfico inventado por Louis Jacques Mandé Daguerre. Consultar em: KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*. p. 13. Campinas, SP: [s.n.], 2006. Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes

CARDOSO, Antônio Lopes. Fotografia de Maria Rita Meireles da Costa Pinto com a ama-de-leite Benvinda. 16,5 x 11 cm. Disponível em: <<https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites/eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/fotografia-de-maria-rita-meireles-da-costa-pinto-com-a-ama-de-leite-benvinda>>. Acesso em 19 mar. 2023. EUGENIO & MAURÍCIO. Fernando Simões Barbosa com ama de leite. Carte de visite, 9,6 x 5,8 cm. Disponível em: <http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/visualizador/i/ult_frame.php?cod=2645>. Acesso em 19 mar. 2023. VILLELA, F. Artur Gomes Leal com a ama de leite Mônica. carte de visite, 9,1 x 5,5 cm. Disponível em: <http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/busca/listar_projeto.php?cod=30&from=3730>. Acesso em: 19 mar. 2023.

Referências bibliográficas:

- COLLINS, Patrícia H. *Pensamento Feminista Negro: o poder da Autodefinição*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 341- 352.
- CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188.
- DAVIS, Angela. “*O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher*”. In: *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Tradução: Ruy Jungman. Revisão e apresentação. Renato Janine Ribeiro, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994. 2v.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Ed. rev. São Paulo: Global, 2003.
- GONZALEZ, Lelia. *A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica*. In: Rios, F.; Lima, M. (orgs) *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 43-57
- _____. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. In: Rios, F.; Lima, M. (orgs) *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.
- _____. *Mulher negra: Um retrato*. In: Rios, F.; Lima, M. (orgs) *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.
- KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX*. Campinas, SP: [s.n.], 2006. Tese(doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.
- MAUAD, Ana Maria. *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MITCHELL, W.J.T. *What do Pictures Want? The Live and Loves of Images*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2005. Caps: 2. What Do Pictures Want? 28; 16. Showing Seeing: A Critique of Visual Culture 336.
- MUAZE, Mariana. *Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, Século XIX*. Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil. Organizadoras: Helen Osório e Regina Célia Lima Xavier. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- SALLES, Ricardo. *E o Vale era o escravo. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008. p. 54.